

# A INTERAÇÃO DA LÍNGUA EM UMA PERSPECTIVA CIDADÃ NA PRÁTICA EDUCACIONAL

Cezar Augusto Mautone Pedroso<sup>1</sup>

*RESUMO: Uma reflexão sobre a prática educacional do ensino de Língua Portuguesa no contexto da ação docente para o Ensino Médio na modalidade EJA, em uma perspectiva cidadã, é um desafio para os professores que trabalham com os jovens e adultos que querem inserir-se no mundo do trabalho ou avançarem em níveis superiores de estudo.*

*PALAVRAS-CHAVE: EJA. Língua Portuguesa. Prática Educacional.*

*ABSTRACT: This study analyzes the education practice of teaching Portuguese Language in the context action teaching to high school in the modality of Education of youth and adults, in citizen perspective, is a challenge for the teachers that working with youth and adults that want insert themselves in the work world or advance in study advanced level.*

*Keywords: EJA. The Portuguese Language. Education Practice.*

## 1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Na presente sociedade do conhecimento, espera-se que haja uma aposta inequívoca no desenvolvimento das competências de comunicação verbal, para assegurar melhor processamento das informações, e na habilidade dos indivíduos em decodificá-las.

Na educação formal é corriqueiro afirmar-se que os estudantes enfrentam dificuldades para ler e escrever corretamente. Essas dificuldades têm sua origem nos primeiros anos de escolarização, pois uma das principais responsabilidades da escola para os anos iniciais do Ensino Fundamental é, sem dúvida, criar bases e condições necessárias para desenvolver a capacidade letrada dos alunos. É nos anos iniciais que a escola deve atuar na formação de leitores autônomos e críticos, tanto quanto na formação de sujeitos aptos a usarem eficazmente a escrita como meio para comunicar ideias e organizar conhecimentos. Nesse sentido, entende-se

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual de Ensino Fundamental Almiro Beltrame - Santa Maria - RS. E-mail: cezarAugustoa@yahoo.com

que falta a base, ou que a base não é estruturada de maneira bastante sólida, para que os estudantes cheguem ao Ensino Médio e, até mesmo, à universidade, com o domínio, ao menos básico, da língua formal.

Para o gramático, filólogo e linguista da Academia Brasileira de Letras Evanildo Bechara (2008, p. 20),

[...] a língua não se esgota só na chamada Língua Padrão. A língua tem suas variedades de acordo com as situações sociais por que passa o falante. A nossa tese que é muito frequente na Europa, é transformar o aluno poliglota na sua própria língua. Que ele possa dominar mais de uma variante para estar capacitado a lidar com alguém analfabeto, semi-alfabetizado ou alguém que domina a Língua Portuguesa, e usar a linguagem para o bem conviver entre os seres humanos.

Por meio das explicações apresentadas por Bechara (2008), compreende-se que o uso da linguagem para o bem conviver entre os seres humanos é condição para que os profissionais de Língua Portuguesa desenvolvam práticas educacionais em todas as etapas da educação básica, e também, na última etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), para oferecer aos estudantes condições de serem mais críticos e reflexivos, preparados para os desafios do mundo do trabalho.

Ser cidadão significa usufruir de direitos e deveres, civis e políticos ou, conforme Boff (2002, p. 51),

[...] o processo histórico-social que capacita a massa humana a forjar condições de consciência, de organização e de elaboração de um projeto de práticas no sentido de deixar de ser massa e de passar a ser povo, como sujeito histórico plasmador de seu próprio destino. O grande desafio histórico é certamente este: como fazer das massas anônimas, deserdadas e manipuláveis um povo brasileiro de cidadãos conscientes e organizados. É o propósito da cidadania como processo político-social e cultural.

Nessa direção, fazer uma discussão sobre a importância da Língua Portuguesa na vida cotidiana dos estudantes para uma formação cidadã é relevante e indispensável para a compreensão dos dilemas do ensino dessa disciplina.

## **2 LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO**

É de grande relevância para um “bom” ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Médio que o projeto político-pedagógico da escola reflita o papel da disciplina nessa etapa da educação básica. A LDBEN/96 determina que: “essa fase de estudos pode ser compreendida como o período de consolidação e

aprofundamento de muitos dos conhecimentos construídos ao longo do ensino fundamental” (MEC, 2008, p.17).

É esperado que, a partir dessa etapa, o estudante seja capaz e que lhe seja possibilitado, conforme as orientações curriculares para o Ensino Médio:

- I – Avançar em níveis mais complexos de estudos;
- II - Integrar-se ao mundo do trabalho, com condições para prosseguir, com autonomia, no caminho de seu aprimoramento profissional;
- III – Atuar, de forma ética e responsável, na sociedade, tendo em vista as diferentes dimensões da prática social (MEC, 2008, p.17).

A comunicação verbal correta, indiscutivelmente, é facilitadora das relações, bem como a sua importância é reconhecida nas orientações curriculares para o Ensino Médio:

[...] a Língua Portuguesa no contexto do ensino médio, deve propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a Língua e a Linguagem (MEC, 2008. p.18).

Nessa perspectiva, o Ensino Médio deve garantir aos estudantes uma capacitação para prosseguimento dos estudos, com vistas a enfrentarem o mundo do trabalho e, principalmente, para o exercício da cidadania no dia a dia. Conforme Travaglia (2004, p. 27), “a maior parte da comunicação humana se faz por meio da língua ou, de alguma forma, na dependência dela”.

### **3 ESTUDO DA LINGUAGEM E IDENTIDADE DA DISCIPLINA**

Os estudos da língua e da linguagem estão em constante evolução, assim como os estudos vinculados ao ensino e à aprendizagem da Língua Portuguesa e, também, a necessária reflexão sobre as práticas de ensino.

Nos anos 1970, “o debate centrou-se em torno dos conteúdos de ensino. Tratava-se de integrar às práticas de ensino e de aprendizagem na escola novos conteúdos além daqueles tradicionalmente priorizados em sala de aula” (MEC, 2008, p. 19).

Foi uma mudança de paradigma que defendia compreender as dificuldades no processo de aprendizagem sob a perspectiva da variação linguística. Nesse período, defendia-se, então,

[...] uma descoberta dos estudos científicos, de cujos efeitos apenas recentemente a linguística se deu efetivamente conta. Tratava-se, especificamente, de promover o debate sobre o fato de que, se as línguas variam no espaço e mudam ao longo do tempo, então o processo de ensino e de aprendizagem de uma língua – nos diferentes estágios da escolarização – não pode furtar-se a considerar tal fenômeno (MEC, 2008, p. 20).

Tal fenômeno indicou a necessidade dos educadores trabalharem, na sala de aula, textos sobre o cotidiano da sociedade, não somente o texto literário propriamente dito (MEC, 2008, p. 20). Percebe-se com isso que, não houve mudança significativa nas práticas de ensino, “até porque, muitas vezes, compreendeu-se que a defesa do respeito ao modo de usar a língua pelos diferentes sujeitos e nas diferentes situações significava enfatizar o ensino de variedades linguísticas não padrão” (MEC, 2008, p. 20).

No período em que se estabeleceram os debates em torno do ensino/aprendizagem, sob o aspecto linguístico, pode-se

[...] complementar dizendo que faltava certa convicção quanto à importância das questões relativas à variação e à mudança linguística, como efeito, inclusive, da abordagem estruturalista nos estudos linguísticos que ainda vigorava, valorizando, excessivamente o estudo da forma (MEC, 2008, p. 20).

No entanto, sabe-se que, nos anos 1970, os estudos sobre a língua e a linguagem eram pouco difundidos, dificultando o acesso a esse suporte aos professores para qualificar o ensino/aprendizagem no Ensino Médio.

Com o desenvolvimento do campo da linguística, especificamente nos anos 1980, considerou-se:

[...] que a variação dos usos da língua – sendo afeita a variações individuais dos produtores e dos receptores bem como a variações das situações de interação – só seria efetivamente compreendida (e isso pelos professores, pelos alunos e pelos próprios lingüistas) quando considerada na materialidade do texto em relação ao contexto de produção e sentido, o que envolve também o contexto imediato em que se dá a interação quanto a esfera social de que ela emerge (MEC, 2008, p. 21).

De outro modo, compreende-se que houve entendimento por parte da comunidade acadêmica em relação ao uso da língua, “significa considerar os recursos e os arranjos pelos quais se constrói um texto, num dado contexto” (MEC, 2008, p. 21). Dessa forma, aprofundam-se os estudos sobre a construção do texto, o modo como se articula bem como o seu sentido e, então, o texto “passa a ser visto

como uma totalidade que só alcança esse *status* por um trabalho conjunto de construção de sentidos, no qual se engajam produtor e receptor” (MEC, 2008, p. 21).

Atualmente, o texto como objeto de ensino está muito presente na educação dos alunos em todos os níveis, mas ensinar Língua Portuguesa por meio de textos, ainda gera muitas dúvidas. Precisa-se, em primeiro lugar, de uma boa compreensão desse objeto texto. Conforme Geraldi (1997, p. 98), “um texto é o produto de uma atividade discursiva onde alguém diz algo a alguém”. Para Geraldi, o trabalho com linguagem na escola vem se caracterizando cada vez mais pela presença do texto, quer enquanto objeto de leituras, quer enquanto trabalho de produção. Ao se desejar traçar uma especificidade para o ensino de Língua Portuguesa, é no trabalho com textos que essa será encontrada. Ou seja, o foco da aula de português é o trabalho com textos (GERALDI, 1997, p.105).

#### **4 PRÁTICAS DE ENSINO E CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E LINGUAGEM**

Ao discutir-se a produção e a recepção de textos, destacam-se os estudos no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, assim como os que tratam das práticas sociais de produção e recepção de texto (MEC, 2008).

Ressalta-se uma abordagem defendida pelo interacionismo<sup>2</sup>, apresentada nos PCNs, em que todo e qualquer texto se constrói na interação, porque são assumidos princípios comuns na concepção da relação entre homem e linguagem, homem e homem, homem e mundo. E assim, “sem procurar esgotar tais princípios, pode-se dizer que o mais geral deles é o de que é pela linguagem que o homem se constitui sujeito” (MEC, 2008, p. 23).

Nessa abordagem, estudiosos que buscam compreender o funcionamento da língua e da linguagem referem que:

[...] se é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo. Pode-se ainda dizer que, por meio das atividades de compreensão e produção de textos, o sujeito desenvolve uma relação íntima com a leitura-escrita -, fala de si mesmo e

---

<sup>2</sup> INTERACIONISMO - Está se referindo aqui tanto à contribuição de estudos desenvolvidos por essa vertente no escopo da Linguística, os quais envolvem estudiosos como Hymes, na Filosofia da Linguagem, como Barkhtin, na Etnometodologia e Sociologia, como Goffman, na Psicologia, como Bronckart, na educação e como Schneuwly, quanto aos que se encontram no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento, como é o caso de Vygotsky e seus seguidores (MEC, 2008, p. 23).

do mundo que o rodeia, o que viabiliza nova significação para seus processos subjetivos (MEC, 2008, p. 24).

Para esclarecer melhor o que é Língua em relação aos sujeitos que a produzem, Koch (2002, p.15) afirma que

[...] corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se o caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

Somente o ser humano é dotado de linguagem como capacidade para a interação entre as pessoas, utilizando-se da mesma para comunicar-se, “condição para que se construam as realidades, não se pode dizer que entre os signos que constituem os diferentes sistemas semióticos<sup>3</sup> e o mundo haja de fato uma relação direta” (MEC, 2008, p. 24).

Nesse sentido, “o pressuposto de que as relações entre mundo e linguagem são convencionais, nascem das demandas das sociedades e de seus grupos sociais, e das transformações pelas quais passam em razão de novos usos, que emergem de novas demandas.” (MEC, 2008, p. 24). Por outro lado,

[...] é na interação em diferentes instituições sociais como (a família, o grupo de amigos, as comunidades de bairros, as igrejas, a escola, o trabalho, as associações, etc.) que o sujeito aprende e apreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem (MEC, 2008, p. 24).

Pode-se afirmar que toda e qualquer situação de interação é co-construída entre os sujeitos, por ser uma atividade de natureza social e cognitiva (MEC, 2008).

Conclui-se que a língua é um sistema construído historicamente pelo homem. Por conseguinte, “o homem em suas práticas orais e escritas de interação, recorre ao sistema lingüístico – com suas regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e com seu léxico” (MEC, 2008, p. 25). Para ilustrar a relação de interação dialetal na comunicação, apresenta-se o seguinte exemplo:

---

<sup>3</sup> SEMIÓTICO – A palavra semiótico vem de Semiologia, que “nasceu de um projeto de Ferdinand de Saussure, que visualizou uma disciplina que estudaria a vida dos signos no seio da vida social, com base nos conhecimentos da Psicologia Geral e da Psicologia Social”. [...] Se um dos objetivos da Semiótica é o de escrever (Mediante Metalinguagem) os discursos que atravessam a sociedade, e explicar o que fazem com sua atividade discursiva, corresponde a ela também delimitar, em primeiro lugar, seu objeto de análise. Esse objeto é o texto (BOU MAROUN, 2007, p. 89).

Chegando à fazenda dos avós, para visitá-los, o neto se dirige ao avô, que está na sala: - Firme, vô? – Não, fio, Sírvio Santos” (MEC, 2008, p.26). Nesse exemplo, em relação aos conhecimentos linguísticos, evidencia-se o domínio dialetal, que permite se reconhecer a pronúncia, de algumas localidades do interior do país, conhecido por rotacismo. Através desse fenômeno que nos permite compreender esse mal-entendido, há conhecimentos textuais e sociopragmáticos, permitindo que se perceba a natureza do gênero – piada – e da interação materializada -, que acontece no campo doméstico; de cumprimento e não é reconhecida pelo avô (MEC, 2008, p. 26).

Ao se aprender a linguagem, deve-se levar em conta que tal aprendizagem já é uma forma de refletir sobre a linguagem. Conforme Geraldi (1997, p. 17), “as ações linguísticas que praticamos nas interações em que nos envolvemos demandam essa reflexão, pois compreender a fala do outro e fazer compreender pelo outro tem a forma do diálogo”.

Então, a compreensão de um determinado assunto requer outra contrapalavra que esteja contrária ou em acordo com o locutor, “para que essa contrapalavra não signifique uma ruptura na produção conjunta de sentidos, ela deve orientar-se em relação à palavra do locutor” (GERALDI, 1997, p. 18).

Refletindo sobre as orientações até aqui desenvolvidas, destaca-se uma postura interdisciplinar, pois trata-se de uma perspectiva metodológica orientadora do Projeto Político-Pedagógico da escola. Apostando na atividade de conhecer/aprender certo objeto, propiciar que o objeto em foco seja construído sob diferentes olhares das disciplinas que formam o currículo da escola. Nessa direção, pode-se propiciar que o aluno tenha uma visão/concepção do objeto mais plástica, mais crítica, mais rica e, portanto, mais complexa.

Por meio de uma orientação interdisciplinar, estudos sobre as narrativas do domínio literário, dos feitos históricos, do universo oral, do mundo da mídia podem ser priorizados. A ênfase nas múltiplas linguagens e gêneros discursivos precisa ser compreendida como uma possibilidade de não fragmentar a formação do aluno. Essa alternativa mostra o compromisso da disciplina orientado pelo PPP: a possibilidade de letramentos múltiplos (MEC, 2008).

Essa proposta de ensino e de aprendizagem no intuito de buscar letramento múltiplo pressupõe a concepção de leitura e escrita como instrumento de empoderamento social. “Isso significa que o professor deve procurar, também, resgatar do contexto das comunidades em que a escola está inserida as práticas de

linguagem e os respectivos textos que melhor representam sua realidade” (MEC, 2008, p. 28).

Defende-se, portanto, a necessidade de se efetivar e levar adiante o desafio de se criar as condições para que os educandos construam sua autonomia no mundo em que vivem, mundo esse tecnológico e complexo, e desenvolvam, ainda, a cultura nas demandas dos seus meios sociais. Exemplificando-se, os hipertextos na internet ou na imprensa. “Reitera-se que essa postura é condição para confrontar o estudante com práticas de linguagem que o levem a formar-se para o mundo do trabalho e para a cidadania com respeito pelas diferenças no modo de agir e de fazer sentido” (MEC, 2008, p. 29).

## **5 A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS**

Propiciar aos estudantes condições para que sejam sujeitos ativos e protagonistas na sociedade sob uma perspectiva cidadã ocorre, sem dúvida, por meio da língua para uma boa interação social.

O ser humano se diferencia das demais espécies pela capacidade de usar códigos que elabora para a comunicação de suas emoções e suas ideias. Todos esses códigos ou sistemas semióticos -, que transmitem significados e sentidos entre as pessoas, é a língua (TRAVAGLIA, 2004, p. 21).

Os meios de comunicação permitiram a interação da língua em situações que não era possível, porém, não criaram novos sistemas semióticos -, códigos. Isso permitiu outras formas de utilização dos códigos já existentes tais como língua, teatro, códigos de imagens, dança e outros. Cabe ressaltar que a língua está na base de todos os outros sistemas semióticos, visto que essa representa o código mais amplo, que oferece maiores possibilidades de veiculação e de forma mais precisa que qualquer outra forma de linguagem (TRAVAGLIA, 2004, p. 22).

Todas as inovações tecnológicas e os meios de comunicação não passam de veículos e não “sistemas semióticos capazes de “conter”, “carregar”, “instruir” significados/sentidos e possibilitar a troca de mensagens entre pessoas, estabelecendo a comunicação” (TRAVAGLIA, 2008, p. 23). Por isso, a língua ainda

é de suma importância para a comunicação entre os homens, mas precisa ocorrer de forma que o receptor compreenda a mensagem do emissor.

Sobre a contribuição da língua na vida cotidiana, Geraldi (1997, p. 121) esclarece que “não é a gramática abstrata, mas a vida em comum que nos deu uma língua comum. Ensinar a língua é ampliar a experiência do aluno com a nossa”. Para uma boa comunicação, aproveita-se a formação linguística que a criança e o adulto trazem de casa isso fará com que eles desenvolvam o seu potencial comunicativo, cabendo tal tarefa, em primazia, ao professor de Língua Portuguesa.

Como afirmou o autor supracitado, em sala de aula, o professor de Língua Portuguesa tem o dever de qualificar o potencial comunicativo dos estudantes, a fim de possibilitar, também, uma maior interação social a partir da sala de aula.

É vital a importância da Língua Portuguesa na vida do homem, pois é através da língua que o indivíduo vai interagir com o mundo. Se ele não tem conhecimento, se ele não tem o domínio da língua, não conseguirá fazê-lo de maneira adequada com o mundo que o cerca.

O diálogo estabelecido com as pessoas no dia-a-dia, com uma conversação funcional é fundamental à interação social por meio da linguagem, pois a conversação, conforme Koch (1995, p. 107), [...] “é, antes de tudo, um ato social, no interior das situações sociais que são modificadas” [...]. No cotidiano, são estabelecidas representações diante das pessoas, mas de formas diferentes. Koch (1995, p. 107) exemplifica: “uma mulher representa-se ora como mãe, ora como esposa, ora como amiga, ora como profissional, ora como esportista etc”. Age-se de maneira diferente para cada situação, principalmente, no que diz respeito à linguagem.

Cada ser porta-se de maneira diferente em relação à interação através da linguagem. Exemplificando-se, conforme Koch, “quando paramos alguém na rua para fazer-lhe uma pergunta, estamos invadindo seu território íntimo: ele poderia estar imerso em seus pensamentos, sem vontade nenhuma de conversar com alguém; e a pergunta, como visto, obriga-o a um ato de resposta” (1995, p. 107). Nessa situação, muitas vezes, se pede desculpas por parar alguém, para solicitar uma informação, ou se justifica o pedido. Isso nos dá sensação de que foi tirada a liberdade da pessoa por alguns instantes (KOCH, 1995).

Veja-se um exemplo prático, conforme Koch (1995, p. 107): “Que horas são? Meu relógio parou”. Primeiramente, houve uma solicitação, depois, uma justificativa da solicitação. Em outra situação, Koch exemplifica (1995, p. 108): “Desculpe, meu relógio parou. Poderia me dizer as horas, que não posso perder a condução para o serviço?”. Nessa situação, observa-se uma dupla justificativa: “após um primeiro ato de desculpas, há um ato preparatório (“Meu relógio parou”) e, depois, outra justificativa propriamente dita (“não posso perder a condução [...])” (KOCH, 1995, p. 108).

Analisando-se esse segundo exemplo, percebe-se que o locutor usa uma dupla justificativa para não “intimidar” o interlocutor e ter uma resposta positiva, além disso, há uma interação entre os interlocutores, preocupados em preservar a intimidade de um e de outro. Conforme Koch, “isto fica patente no caso das “preferências” e “despreferências” socialmente estabelecidas para determinados atos” (KOCH, 1995, p.108). Portanto, se o locutor interagir positivamente, ele não tem necessidade de se justificar; caso contrário, porém, a explicação ou justificativa torna-se necessária para não atingir a intimidade do outro (KOCK, 1995, p.108).

Esse é um exemplo em que a linguagem é o lugar no qual os indivíduos se representam constituindo o mundo e suas situações. Por isso, apenas estudar a língua não é suficiente para a inter-ação entre as pessoas. Para Koch, “é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas, sim, acima de tudo, como forma de inter-ação social (1995, p.110).

## **CONCLUSÃO**

Em suma, a Língua Portuguesa pode ser vista como um meio de interação e ascensão social. Portanto, pode-se dizer que através das práticas educacionais; tendo em vista uma perspectiva cidadã, torna-se pertinente afirmar que a Língua Portuguesa é a maneira utilizada para que os estudantes se tornem sujeitos mais fortalecidos, conscientes para o exercício da cidadania e, até mesmo, para uma melhor compreensão e interpretação das demais disciplinas do currículo, tornando-os mais preparados para o mundo do trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. Mestre entre mestres. Entrevista a Amilton Pinheiro. *Discutindo língua portuguesa*, São Paulo, ano 3, n. 13, 2008.
- BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos: que Brasil queremos?* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOU MAROUN, Cristiane Ribeiro Gomes. Multimodal. In: VIEIRA, Josenia Antunes. *et al. Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MEC. *Linguagens, códigos e suas tecnologias: orientações curriculares para o ensino médio*. Vol. 1. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: ensino plural*. 2. ed. Porto Alegre: Cortez, 2004.